

Considerações sobre a Análise das Relativas no Português Contemporâneo e Algumas Incursões na História dessas Estruturas(*)

Dante Lucchesi

Universidade Estadual de Feira
de Santana - Bahia - Brasil

Este trabalho constitui um estudo comparativo entre a situação das construções de relativização no português contemporâneo e a situação desse tipo de construção no português do século XV. Para essa segunda sincronia, serão considerados os dados extraídos de um manuscrito datado do século XV, editado pelo Dr. Leite de Vasconcellos e publicado na Revista Lusitana, Vol. VIII, de 1906, sob o título "Fabulário Português".

Na análise do português atual, será tomado como base o amplo estudo de BRITO 1988 sobre o tema.

A análise apresentada para o português contemporâneo será cotejada com os dados do manuscrito supra-citado com o intuito de fornecer um esboço de um estudo das construções de relativização do português numa perspectiva diacrônica, sendo utilizado como instrumental teórico o modelo da Teoria da Regência e Ligação.

(*) Este trabalho, numa versão maior, foi apresentado como tarefa final do Seminário de Sintaxe Comparada das Línguas Românicas, ministrado pela Prof. Inês Duarte e integrante do Mestrado em Linguística Portuguesa Histórica da Universidade de Lisboa, que cursei com bolsa de estudo da CAPES-Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior do Ministério da Educação do Brasil.

1. Uma Análise da Estrutura dos Constituintes para as Construções Relativas

1.1 No Português Atual

Em termos da estrutura dos constituintes, dentro do quadro da Teoria X-barra, pode-se dizer que todas as orações relativas implicam uma estrutura de adjunção

Dito isso, põe-se a questão do nível em que a adjunção ocorre: no nível da projeção máxima - SN ou N - ou no nível intermédio, N

A resposta a essa questão deve contemplar uma distinção que a gramática tradicional tem feito sobre as orações relativas e que corresponde à intuição dos falantes sobre essas orações. Assim, as orações relativas são divididas entre apositivas e restritivas, ou não-apositivas

Os elementos que fundamentam essa divisão podem ser esquematizados da seguinte maneira

Orações Relativas Restritivas

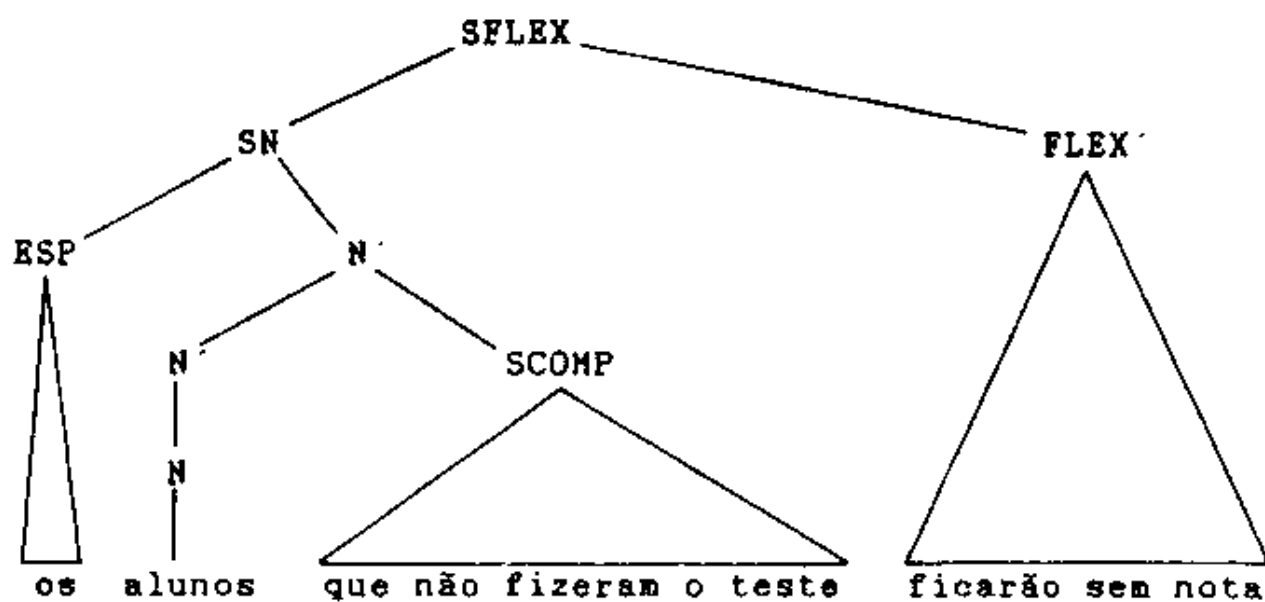
- O ESP do SN tem escopo sobre a relativa
- A relativa tem a função de modificador de N

Orações Relativas Apositivas

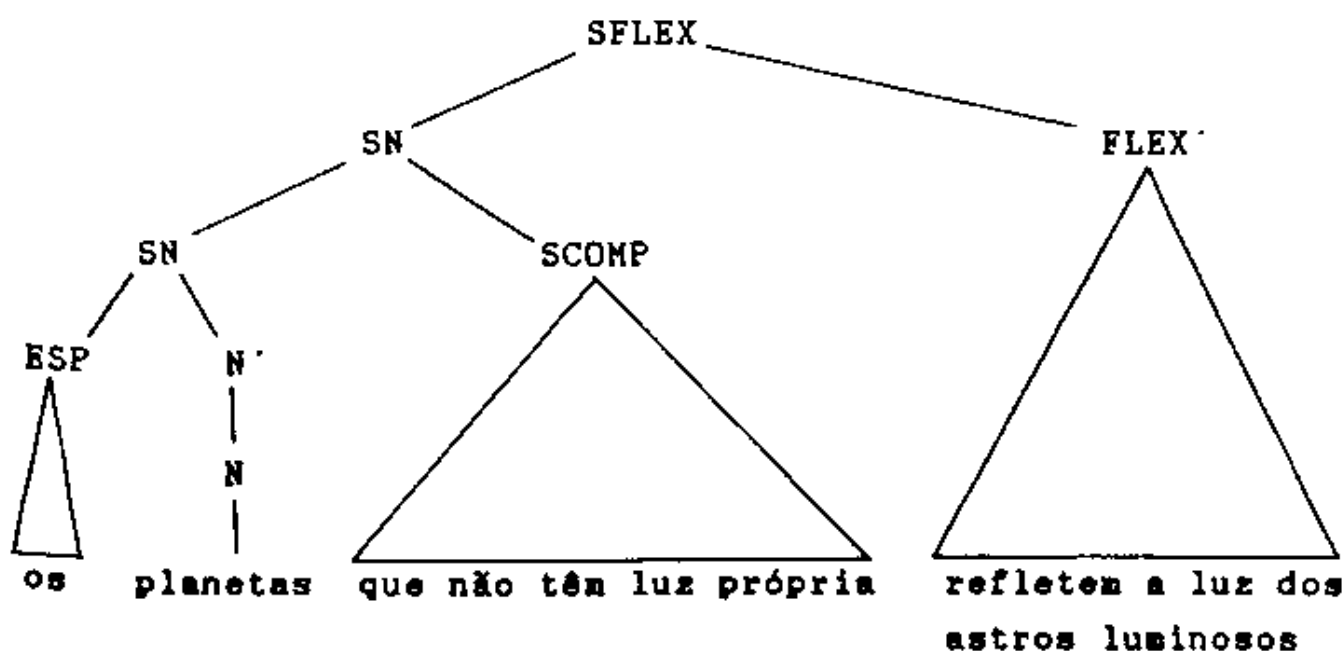
- O ESP do SN não tem escopo sobre a relativa
- A relativa possui uma natureza parentética; não desempenhando, pois, a função de modificador de N

A análise da estrutura dos constituintes nos exemplos que se seguem ilustra o que foi dito:

(1) Os alunos que não fizeram o teste ficarão sem nota.



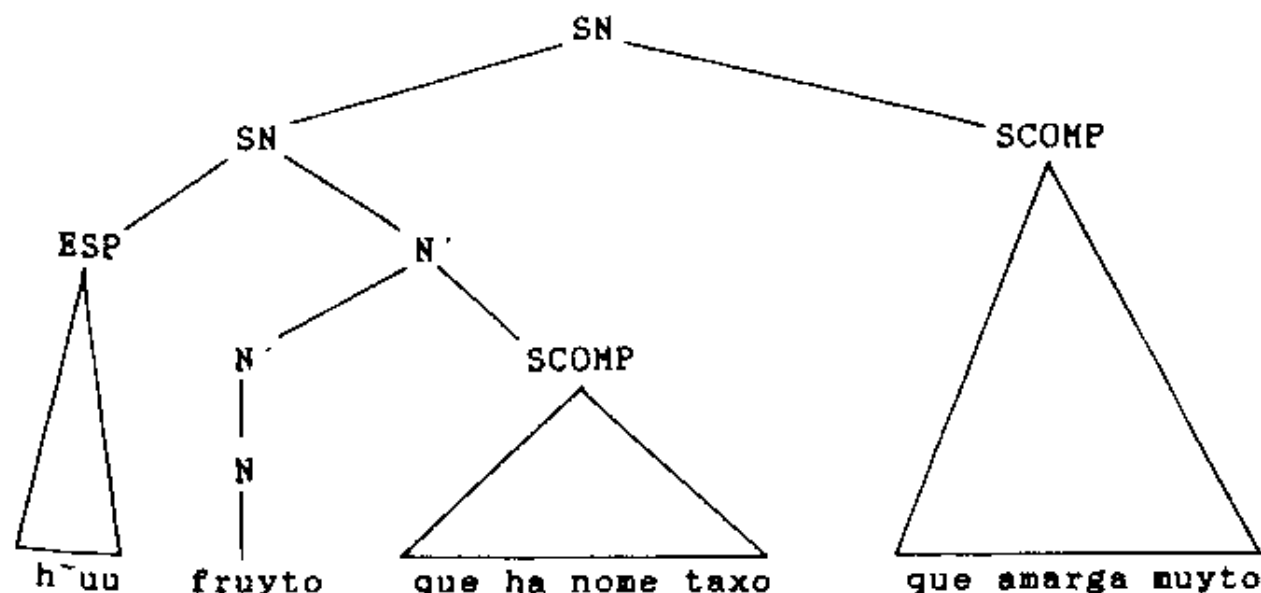
(2) Os planetas, que não têm luz própria, refletem a luz dos astros luminosos.



Podemos dizer ainda que, numa sequência de duas relativas de naturezas distintas, a única ordem gramatical é 'restritiva /apositiva', sendo agramatical qualquer construção com a sequência inversa.

Da mesma maneira, em ocorrendo duas orações relativas de naturezas distintas, a ordem encontrada é 'restritiva /apositiva':

(5) Deuenos tomar enxemplo da aue que algũa vez come de hũu fruyto que ha nome taxo, que amarga muyto XXXV,18



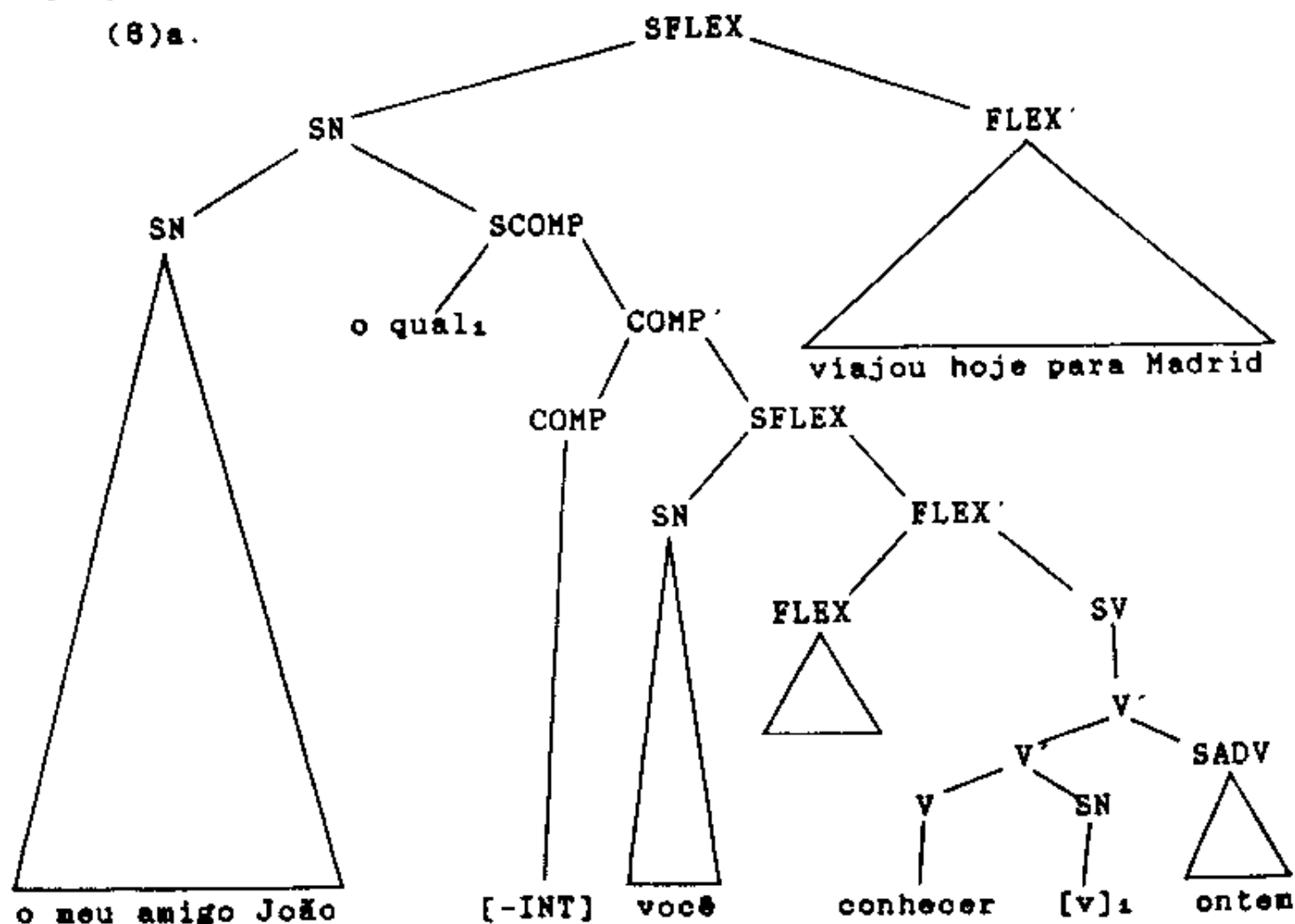
2. O Processo de Relativização

O processo de relativização constitui-se basicamente através da aplicação de um Movimento-Q. Nesse movimento um constituinte é movido para a posição de ESP de SCOMP, uma posição não argumental, ou seja, uma posição-A'. Esse constituinte, que atua como um operador, deixa em sua posição original um vestígio, que é, portanto, uma variável. Por sua vez, essa variável é A'-ligada por esse operador.

Tomemos o seguinte exemplo e sua representação em Estrutura-S:

(8) O meu amigo João, o qual você conheceu ontem, viajou hoje para Madrid.

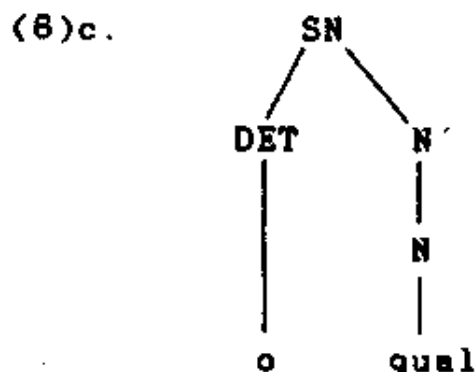
(8)a.



Dessa forma, o morfema relativo o qual move-se para posição de ESP de SCOMP, deixando um vestígio com o qual é coindexado. Esse vestígio, que é uma variável, é ligado pelo operador-A' o qual, respeitando assim o princípio de que "uma variável tem de ser fortemente ligada" (CHOMSKY, 1986a: 85). Além disso, o antecedente da relativa e a cadeia encabeçada pelo operador o qual são coindexados através da Regra de Predicação (cf. CHOMSKY 82), ou através do princípio da Ligação Relativa (cf. SAFIR 88):

(8)b. [[[o meu amigo João] [[o qual]₁ [[-INT][vocã
 SFLEX SN SN₁ SCOMP COMP' SFLEX
 conheceu ontem [v]₁]]]] [viajou hoje para Madrid]]
 FLEX'

Sendo que o SN movido em (25) teria a seguinte forma:



Vejamos, então, como se dá esse processo na linguagem do manuscrito. Em fases anteriores do português, os relativos - em particular o qual - tinham um comportamento bem semelhante ao dos demonstrativos. Tomemos este exemplo:

(7) O cam malicioso pressentou testemunhas per diante o dioto corregedor, as quaaes eram falsas e de maã fana, .s. o minhoto, a abuter e o lobo. As quaaes testemunhas depois que foram examinadas, visto ho dizer delas, foy dada a sentença contra o carneyro, IV,9

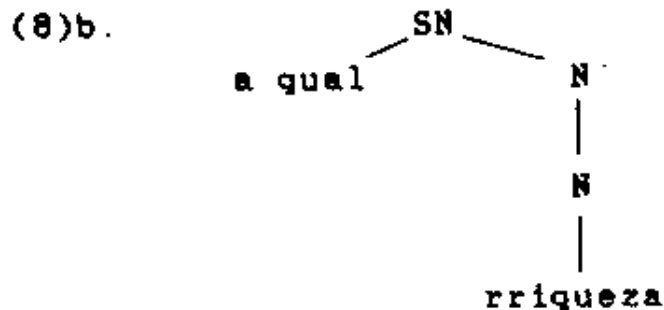
Neste caso é muito difícil não interpretar o pronome destacado como um demonstrativo, ou seja, como 'essas testemunhas'.

Pode-se dizer, assim, que nesse período da língua o pronome o qual ocupava - como os demonstrativos - a posição de ESP de SN, como fica bem claro em:

(8) melhor é a proveza que a riqueza, a qual riqueza sempre faz viver o homem com gran temor XII,32

(8)a. [[a riqueza][[a qual riqueza]:[[COMP]
 SN SN₁ SCOMP SN COMP'
 [ssempre [v]₁ faz viver o homem com gran tenor]]]
 SFLEX

Sendo a seguinte a forma do SN novido:



Poder-se-ia, também, dizer que, nos casos em que o N não ven explicito como em (8), o morfema relativo o qual continua na posição de ESP de SN, e legitima um núcleo vazio:

(8) A paz, a qual eu ssempre tenho comigo, me faz a nym os meus comeres sserem delicados. XII,24

Vejamos agora qual a situação das chamadas construções de "Pied Piping" com o morfema cujo no manuscrito analisado:

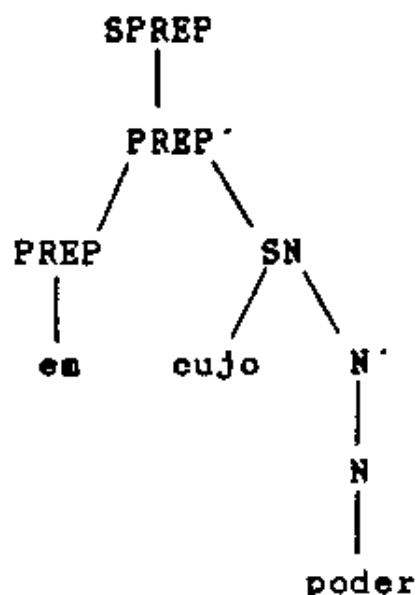
(10) Aquell que faz omiçidío e furtos e outros pecados graues, que non ha tenor de Deus que nos criou e em cujo poder somos, non he christão XLV,40

[[[Deus][[que nos criou] e [[em cujo:
 SN SN SN₁ SCOMP SCOMP SCOMP SPREP₃
 poder][[COMP] [somos [v]₃]]]
 COMP' SFLEX

Como podemos ver, nesse tipo de construção o operador relativo cujo é coindexado com o antecedente da relativa, o SN [Deus]; enquanto que a categoria vazia deixada pelo Movimento-Q é coindexada com o operador-A', nesse caso, o SPREP [em cujo poder], que tem a seguinte estrutura²:

² Nesses casos através do Princípio de Concordância ESP-núcleo

(10)b.



Entretanto, o morfema relativo cujo ocorre ainda mais duas vezes no manuscrito; nesses casos, num tipo de construção que não é mais encontrado no estágio atual da língua:

(11) E d'hi a h~uu certo tempo tornou a cadella cuja era a casa

[[a cadella][cuja₁ [[COMP] [[v]₁ era a casa]]]
SN SN₁ SCOMP COMP' SFLEX

(12) ca non avia tanto cuydado como sseu dono avia cuja a cousa era

[[[[sseu dono] [v]₃] [avia]] [cuja₁ [[COMP] [ha cousa era [v]₁]]]
SFLEX SFLEX SN SN₁ FLEX' SCOMP₃ COMP'
COMP]
SFLEX

Nesses casos, em que o SFLEX da relativa apresenta o verbo copulativo ser, o morfema cujo não é um ESP, mas o próprio núcleo do constituinte movido; não se configurando, portanto, uma construção "Pied Piping", já que há a

e da noção de projeção-r ("g-projection"), dos quais falaremos adiante, o traço [+Q] do morfema relativo é transmitido à projeção máxima do constituinte movido, de forma que esse constituinte "vale como um morfema Q, um operador, e o seu vestígio é uma variável." (BRITO, op. cit.: 152)

coincidência entre o operador-A' e o operador-relativo, e tanto o antecedente da relativa, quanto a categoria vazia deixada pelo Movimento-Q e o operador relativo portam o mesmo índice*.

Por fim, é de algum interesse estabelecer um possível paralelo entre as trajetórias dos morfemas o qual e cujos na evolução da língua. Enquanto o qual passa de ESP para a posição de núcleo do constituinte movido, cujos faz o percurso inverso, de núcleo a ESP.

3. Distribuição dos Morfemas Relativos que, quem e o qual

3.1. Distribuição dos morfemas relativos nas relativas restritivas no português contemporâneo

Os exemplos (13) a (18) ilustram a distribuição no português atual dos morfemas que, quem e o qual nas relativas restritivas.

- (13)a. O menino que caiu está chorando.
b.*O menino quem caiu está chorando.
c.*O menino o qual caiu está chorando.
- (14)a. O rapaz que você conheceu ontem é meu amigo.
b.*O rapaz quem você conheceu ontem é meu amigo.
c.*O rapaz o qual você conheceu ontem é meu amigo.
- (15)a. O rapaz a quem deste o livro é meu conhecido.
b. O rapaz ao qual deste o livro é meu conhecido.
c.*O rapaz a que deste o livro é meu conhecido.
- (16)a. O filme a que assisti ontem é muito interessante.
b. O filme ao qual assisti ontem é muito interessante.
c.*O filme a quem assisti ontem é muito interessante.

* MATTOS E SILVA também registra construções desse tipo em sua descrição de um códice do século XIV, já referida.

- (17)a. A pessoa com quem eu trabalhei é muito competente.
 b. A pessoa com a qual eu trabalhei é muito competente.
 c.*A pessoa com que eu trabalhei é muito competente.
- (18)a. A caneta com que eu escrevi o artigo é muito boa.
 b. A caneta com a qual eu escrevi o artigo é muito boa.
 c.*A caneta com quem eu escrevi o artigo é muito boa.

Esses exemplos demonstram que:

- Nas construções de relativização de SU e OD - cf. (13) e (14) -, só as frases com o morfema que são gramaticais; sendo, portanto, agramatical o uso de quem e a qual nesses contextos.

- Quando o morfema relativo é precedido de PREP - cf. (15) a (18) -, que, a qual e quem podem ser usados; a qual pode ser usado com qualquer antecedente, ao passo que quem é usado basicamente com antecedente [+humano] e que com antecedente [-humano]. Pode-se dizer, assim, que, precedidos de PREP, que e quem estão em distribuição complementar.

3.1.1. Hipótes de BRITO 88 sobre os morfemas quem e a qual⁴

"Comparando quem, que, a qual e cujo, vemos que, enquanto os dois últimos podem exibir marcas de concordância (número e gênero), os dois primeiros não exibem essas marcas: são invariáveis."

3.1.1.1. O relativo quem

"Hipótese sobre o relativo quem:

(19) "Quem é um morfema relativo com uma natureza nominal, com traços de concordância próprios de um morfema com essa natureza - traços \varnothing -, mas que não chegam a ter reali-

⁴ Apresento agora extratos da análise que esta autora propõe para a questão, de sua obra já citada, pp 249-255.

zação morfofonológica, isto é, quan tem traços de concordância abstratos, entre eles o traço [+sing]."

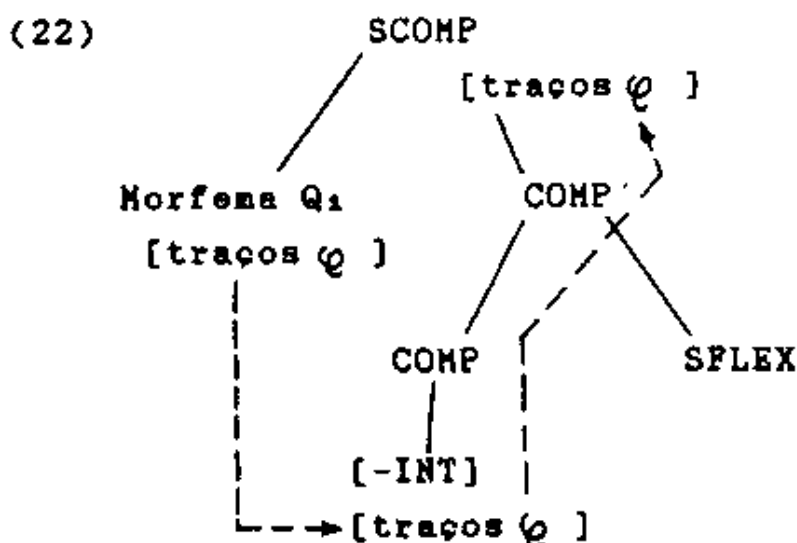
Agora, "o seguinte princípio geral de concordância ESP-núcleo pode ser proposto (cf. CHOMSKY 86: 24):

(21) "Entre o ESP e o núcleo de uma categoria, opera um processo de CONCORDANCIA se e só se o ESP for dotado de traços \varnothing , realizados morfofonologicamente ou abstratos."

"Por outro lado, aceitando a noção de projeção de acordo com a Teoria X-barra, os traços de um núcleo categorial A são percoláveis, isto é, são transmitidos, para a projeção máxima de A (cf. em particular KAYNE 81: 104 e KAYNE 83:255).

"Sendo assim, aplicando a SCOMP o princípio (21) e a noção de projeção, SCOMP pode tomar os traços do morfema que ocupa a posição de ESP, em particular os seus traços

"O seguinte esquema traduz o que acabo de propor:



"Dada a hipótese (18) sobre a natureza de quan, o princípio sobre a CONCORDANCIA (21) e a noção de projeção, quando o morfema quan é movido para o ESP de SCOMP, SCOMP torna-se uma projeção dotada de traços \varnothing ."

A existência de traços \varnothing numa categoria faz dela uma categoria "nominal". Assim, as frases (13)b e (14)b são

agramaticais porque SCOMP, tornada nominal devido a esse processo, não pode receber caso, violando, por isso, o Filtro de Caso.

3.1.1.2. O relativo o qual

"O morfema relativo o qual é dotado de traços de concordância. Sendo assim, de acordo com o princípio (21), quando o morfema o qual é deslocado para o ESP de SCOMP por Movimento Q, desencadeia-se o princípio de CONCORDANCIA ESP-núcleo.

"Pela transmissão à projeção máxima dos traços ϕ de o qual, SCOMP torna-se nominal e requer caso; não podendo recebê-lo, prediz-se a agramaticalidade das orações relativas restritivas de SU e de OD", cf. (13)c e (14)c.

3.1.2. Dados relevantes sobre as restritivas no manuscrito

Do conjunto de orações relativas restritivas do manuscrito, retiramos os seguintes exemplos de relativização de SU:

(22) Em aquesta hestoria este doutor rreprehende os hon~ees, os quaes com boas palauras e doçes, de querer fazer proll e honrra a sseu próximo, enganosamente lhe fazem maas obras, porque all dizem com as linguoas e all teen nos sseus corações. III,17/20

(23) rreprehende ajnda o juiz, o quall nom he avisado de conhoçer as falsas testemunhas, e dá ssua sentença falsamente.

IV,18/19

Esses exemplos indicam uma situação distinta da do português contemporâneo, pois apresentam orações restritivas

de relativização de SU com o morfema o qual⁶. Põe-se, assim, a questão de como explicar a gramaticalidade dessas construções no manuscrito, já que, tanto como hoje, o morfema o qual exibía também no português do século XV os traços de concordância. Nesse sentido, de acordo com o que foi exposto acima, essas frases deveriam ser agramaticais

Contudo, a posição ocupada pelo morfema o qual, no português do século XV, desempenha um papel crucial na explicação da gramaticalidade dos exemplos (22) e (23).

Recordemos que a situação do morfema o qual no português contemporâneo é bem distinta, na medida em que esse morfema ocupa basicamente a posição de núcleo do constituinte movido para a posição de ESP de COMP, através do Movimento-Q. Já na linguagem do manuscrito, o morfema o qual ocupa a posição de ESP do constituinte movido.

Nesse sentido, é necessário precisar mais o princípio (21), dizendo que ele é restringido pela seguinte condição:

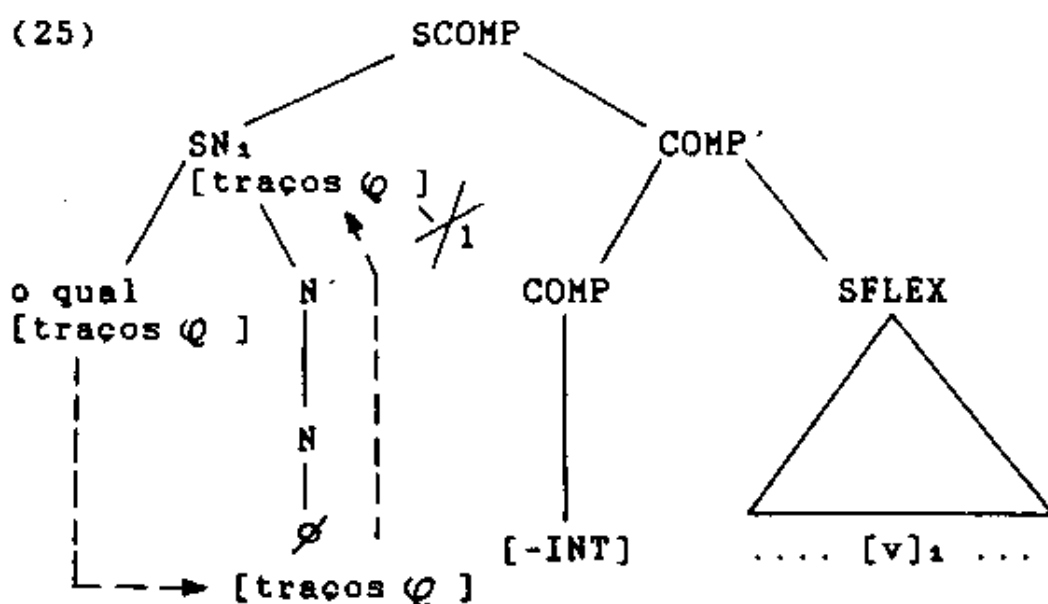
(21)a. Esse princípio só pode ser aplicado uma vez, ou seja, não é recursivo.

Assim, como pode ser visto em (25), tanto os traços de concordância, quanto o traço [+Q] do morfema relativo o qual são transmitidos ao núcleo do constituinte movido, como prediz o princípio de Concordância ESP-núcleo. Por sua vez, através da noção de projeção-r ("g-projection") de KAYNE 83a:255, esses traços também são transmitidos à projeção máxima desse

⁶ Em MAIA, 1986: 897, também se encontram exemplos de restritivas de relativização de OD encetadas pelo pronome o qual:

- (i) "ou outra pessoa qual o postrimeyro de uos nom^oear"
(1308)
- (ii) "e a duas uoses depus uos quaes uos nomeardes"
(1334)

constituente, o que lhe assegura a condição de operador. Porém, dada a condição de não-recursividade do Princípio de Concordância ESP-núcleo, esses traços não são transmitidos ao núcleo de SCOMP e, por conseguinte, ao próprio SCOMP, tornando-se assim desnecessária a atribuição de caso ao SCOMP nas relativas restritivas de SU iniciadas por o qual no português antigo, o que explica a gramaticalidade dessas orações nessa fase da língua.



1 Bloqueio da transmissão dos traços de concordância de o qual, devido à condição de não-recursividade do Princípio de Concordância ESP-núcleo.

Dessa forma, a condição de não-recursividade do Princípio de Concordância ESP-núcleo não apenas explica a gramaticalidade das relativas restritivas de SU e OD iniciadas por o qual no português antigo, como também explica no português contemporâneo a gramaticalidade das relativas restritivas de SU e OD iniciadas pelo morfema relativo cujo, como em:

(26) Os alunos cujos pais pagaram a mensalidade podem fazer a prova.

(27) O cliente cujo apartamento eu vendi ficou muito satisfeito.

O morfema cujq também apresenta traços de concordância, que também poderiam ser transmitidos ao SCOMP, de acordo com o raciocínio exposto acima. Todavia, como o morfema cujq também ocupa a posição de ESP do constituinte movido pelo Movimento-Q - cf. (10)b. -, podemos igualmente invocar a condição de não-recursividade do Princípio de Concordância ESP-núcleo. Assim, os traços de concordância de cujq, bem como o seu traço [+Q], são transmitidos ao SN que ocupa a posição de ESP do SCOMP -, o que garante a condição de operador a esse SN -, mas não são transmitidos ao núcleo de SCOMP e, por conseguinte, ao próprio SCOMP, devido à já referida condição de não-recursividade, ficando assim explicada a gramaticalidade dessas restritivas iniciadas por cujq, no português.

4. Orações restritivas iniciadas por morfemas relativos precedidos de PREP - a natureza do morfema que

4.1. Antes de falar das restritivas com morfemas precedidos de PREP, é necessário tecer algumas considerações sobre o morfema relativo que.

Primeiramente, vejamos os casos das restritivas de SU e OD, nas quais só o morfema que pode ser usado. Atente-se para o fato de o morfema que não ser sensível nesses contextos à natureza [± humano] do SN antecedente. Por outro lado, se essas orações são gramaticais, ao SCOMP não são transmitidos os traços Q de concordância; donde o morfema que não possui nesses contextos traços de concordância, mesmo que abstratos.

4.2. Dito isso, tomemos agora as relativas nas quais que é precedido de PREP. Como já vimos nos exemplos (15) a (18), nesse contexto o morfema que é sensível à natureza [± humano] do antecedente, sendo usado basicamente com antecedente [-humano], enquanto que o morfema quem seria usado com antecedente [+humano]. Portanto, quando precedidos por PREP, que e quem estariam em distribuição complementar.

Ao admitir esse fato, parece-nos assaz coerente postular também que nesses contextos esses dois morfemas têm o mesmo estatuto. Ou seja, se consideramos - cf. (19) - que o morfema quem possui traços \emptyset de concordância abstratos, devemos admitir também que o morfema relativo que, quando precedido de PREP, também possui traços \emptyset de concordância abstratos⁶.

4.3. Situação do morfema quem e do morfema que precedidos de PREP no manuscrito

Tanto na descrição que MATTOS E SILVA apresenta do códice do século XIV⁷, quanto no manuscrito do século XV analisado neste trabalho, não se verifica o uso do morfema quem em relativas com antecedente. Pode-se, pois, pensar que a utilização do morfema quem em relativas com antecedente é posterior à época de que esses textos constituem uma amostra.

Por conseguinte, nas relativas de PREP + morfema relativo, o morfema que ocorre tanto em sua distribuição atual, quanto na distribuição que é ocupada hoje pelo morfema quem:

⁶ Para a explicação da gramaticalidade dessas orações, iniciadas por PREP, em que os morfemas quem e que têm traços de concordância abstratos, ver BRITO 1988, p 275.

⁷ cf. MATTOS E SILVA, op. cit.: 753.

(28) o homem non esse deue de trabalhar da cousa de que non he mestre, XVII,16

(29) o que nao he, depoyz que rreçebe o seruiço, non esse quer lembrar d'aquell de que rreçebeo boas obras. XXVII,26

(30) eu guardo a casa de h~uu senhor com que vivo, XL,9

Em (28) temos um uso que corresponde ao uso atual do morfema *qua*. Em (29) e (30) encontramos o morfema *qua* em contextos em que hoje o morfema *quam* seria selecionado. Tal fato, como já foi visto, se devia à não utilização do morfema *quam* em relativas com antecedente.

Assim, o morfema *qua* precedido de PREP até essa sincronia do português não era sensível à natureza [+humano] do seu antecedente e não possuía traços de concordância, mesmo que abstratos. No devir da língua, o morfema *quam* passa a ser utilizado nesses contextos, havendo, por conseguinte, uma especialização no uso do morfema *qua* para antecedente [-humano], o que constitui a situação atual da língua, ou, sendo mais preciso, de sua norma padrão.

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

BRITO, A. N. (1988): *A Sintaxe das Orações Relativas em Português*, Dissertação de Doutoramento, Universidade do Porto.

CHOMSKY, N. (1982): *Some concepts and consequences of the Theory of the Government and Binding*, M.I.T. Press, Cambridge, Massachusetts.

- CHOMSKY, N. (1986): **Knowledge of language: Its nature, origin and use**, Praeger, New York.
- KAYNE, R. (1981): "ECP extensions" in *Linguistic Inquiry*, 12, 1, pp. 93-133.
- _____, (1983): "Connectedness" in *Linguistic Inquiry*, 14, 2, pp. 223-249.
- MAIA, C. A. (1986): **História do Galego-Português**, Instituto Nacional de Investigação Científica, Coimbra.
- MATTOS E SILVA, R. V. (1989): **Estruturas Trecentistas: Elementos para uma gramática do português arcaico**, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa.
- SAFIR, K. (1986): "Relatives clauses in a Theory of Binding and Levels" in *Linguistic Inquiry*, 17, 4, pp. 663-689.
- VASCONCELLOS, L. (ed) (1906): "Fabulário Português" in *Revista Lusitana*, VIII, pp. 99-151.